



## **Leitura winnicottiana aplicada à vida do ministro ordenado: o estado tranquilo, o silêncio, a arte de ficar só e a ideia do superior suficientemente bom no processo de amadurecimento pessoal para a atividade missionária**

*Winnicottian reading applied to the life of the ordained minister: the tranquility state, the silence, the art of being alone and the idea of the sufficiently good superior in the personal maturation process for the missionary activity*

*Jairo de Jesus Menezes  
Sergio Esteban González Martínez*

### **Resumo**

Este trabalho apresenta alguns pensamentos do pediatra e psicanalista inglês, Donald Winnicott, no processo de amadurecimento pessoal, na integração da constituição do “eu” e no reconhecimento do “não-eu”. As ideias da teoria winnicottiana são empregadas neste artigo de maneira prática na realidade eclesial e aplicadas, principalmente, à figura do ministro ordenado diocesano e religioso, com a finalidade de ressaltar o valor da vivência do estado tranquilo sobre o estado excitado, do silêncio sobre o barulho, da arte de ficar só e da imagem de um “superior suficientemente bom”. Esses termos psicanalíticos podem auxiliar o consagrado para uma constante formação integral e para a inserção na realidade eclesial, num contexto de sociedade conflitiva, excludente, fragmentada e intolerante. A importância de retomar a teoria winnicottiana pode ajudar o ministro ordenado na missão da Igreja, no diálogo social, na construção de uma sociedade mais tolerável e na integração do “eu-missão”, em harmonia com o pontificado do Papa Francisco.



**Palavras-chave:** Pensamento winnicottiano. Amadurecimento. Ministro ordenado.

## Abstract

This work presents some thoughts of the English pediatrician and psychoanalyst Donald Winnicott on the process of personal maturation, on the integration of the constitution of the “self” and on the recognition of the “not-self”. The ideas of Winnicottian theory are used in this article in a practical way in the ecclesial reality and applied, mainly, to the figure of the diocesan and religious priest, in order to emphasize the value of experiencing the tranquil state over the excited state, of silence over noise, the art of being alone and the image of a “good enough superior”. These psychoanalytic terms can help the consecrated person for a constant integral formation and for insertion in the ecclesial reality, in a context of conflicting, excluding, fragmented and intolerant society. The importance of resuming Winnicottian theory can help the ordained minister in the mission of the Church, in social dialogue, in building a more tolerable society and in the integration of the “self-mission”, in harmony with the pontificate of Pope Francis.

**Keywords:** Winnicottian thought. Maturation. Ordained minister.

## Introdução

A sociedade atual desenvolveu avanços na área da comunicação tecnológica; esse crescimento não foi acompanhado pela capacidade de diálogo pessoal e social. O resultado desse desenvolvimento unido à dificuldade de lidar com o conflito causa nas pessoas: agressividade, divisão e intolerância.<sup>1</sup> Esse agir provoca – na sociedade – rupturas nos processos de relacionamentos pessoais e sociais, tendo em vista, conhecer-se e conhecer o outro implica o esforço constante do indivíduo e do ambiente facilitador. Pensa-se no contexto contemporâneo que o conceito de eficácia conota a realização de uma atividade em curto tempo: quanto mais rápido, mais eficaz. Isso causa – na dimensão pessoal – a tendência de não cuidar dos processos de amadurecimento pessoal, como também, promove a falta de investimento do tempo no conhecimento do

---

<sup>1</sup> GONZÁLEZ, S., A figura do poliedro em tempos de crise, p. 584-592.



outro. Um indivíduo que não viveu ou interrompeu o seu processo de amadurecimento pessoal na integração do seu “eu”, não poderá reconhecer o “não-eu” diferente dele nos relacionamentos sociais; com frequência isso se manifesta na atitude “autorreferencial” das pessoas. O pensamento do pediatra e psicanalista Winnicott pode auxiliar na retomada da importância do cuidado, do desenvolvimento do processo de amadurecimento pessoal e emocional, rumo à integração do “eu” e, posteriormente, no reconhecimento do “não-eu”. Sendo assim, a teoria winnicottiana é, no contexto dos indivíduos e da sociedade fragmentada, uma luz na construção da identidade pessoal, social e cultural. Ela pode dar diretrizes para enfrentar a tendência de classificar a realidade em “gavetas” isoladas. Essa mesma doutrina também pode proporcionar, no contexto eclesial, cristãos íntegros, inseridos na realidade e comprometidos com o Reino. No ambiente dos ministros ordenados, diocesanos e religiosos, a teoria winnicottiana pode auxiliar com instrumentos importantes no processo de formação nos seminários e nas atividades missionárias do ministro.

## 1. Introdução ao pensamento winnicottiano

Donald Woods Winnicott foi um médico pediatra e psicanalista inglês, fundador da psicanálise de crianças na Grã-Bretanha; nasceu em abril de 1896, em Plymouth, e se casou com uma assistente social, chamada Clare Britton, que se tornou também psicanalista, com o nome de Clare Winnicott. A teoria winnicottiana foi desenvolvendo-se entre várias controvérsias com o pensamento de Anna Freud e Melanie Klein, no que se refere ao tratamento psicanalítico de crianças. Winnicott ao formar parte do Grupo dos Independentes, possibilitou o desenvolvimento da sua teoria ao facilitar a defesa da sua posição doutrinária contra os pensamentos contrários da época. Os conceitos mais ressaltantes do pensamento winnicottiano foram elaborados a partir de 1945; todos eles estão fundamentados no relacionamento com o objeto. Entre os conceitos mais ressaltantes, pode-se destacar: “a mãe devotada comum (*ordinary devoted mother*), a mãe suficientemente boa (*good enough mother*), o jogo da espátula ou do rabisco (*spatula game, squiggle game*) ou ainda o falso e o verdadeiro *self* e o objeto transicional”.<sup>2</sup> A teoria do amadurecimento pessoal destaca a ideia de amadurecimento como tendência inata à integração; esse pensamento está baseado em dois fatores que aparecem

---

<sup>2</sup> ROUDINESCO, E.; PLON, M., Winnicott, Donald Woods (1896-1971), p. 784.



no processo de amadurecimento pessoal: a própria tendência inata do indivíduo ao amadurecimento e a existência constante de um ambiente facilitador. Segundo Winnicott, o ser humano pode desenvolver a sua condição inata ao amadurecimento, sempre quando o ambiente facilitador seja constante nos diferentes períodos, etapas ou estádios. Se o ambiente não facilita a realização das diferentes tarefas e conquistas que essa tendência inata ao amadurecimento apresenta no indivíduo, o amadurecimento pessoal pode ser interrompido. Sendo assim, segundo o pensamento winnicottiano, pode-se afirmar que “cada indivíduo está destinado a amadurecer; e isto significa: unificar-se e responder por um eu”.<sup>3</sup>

A teoria de Winnicott manifesta que no indivíduo não existe um “eu” constituído; ele vai se formando nos diferentes estádios do processo do amadurecimento, a partir da tendência inata ao amadurecimento e da constância do ambiente facilitador. O que existe, segundo Winnicott, é um indivíduo não integrado, que surge a partir de um estado de solidão essencial; esse estado é trabalhado e superado em parte no processo de amadurecimento, mas, permanece no ser humano ao longo da sua existência. Sendo assim, se o passo do indivíduo não-integrado para o estado integrado é realizado de maneira eficaz, isso moverá à coexistência e ao trânsito no ser humano entre a solidão essencial e o contato com o outro – entende-se outro por indivíduo e realidade externa.<sup>4</sup>

## **2. A importância de “ficar só” numa leitura winnicottiana aplicada à vida do ministro ordenado**

Examinar a capacidade do indivíduo ficar só, partindo do pressuposto de que esta capacidade é um dos sinais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional. Em quase todos os nossos tratamentos psicanalíticos há ocasiões em que a capacidade de ficar só é importante para o paciente. Clinicamente isto se pode representar por uma fase de silêncio, ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez tenha sido esta a primeira vez que o paciente tenha tido a capacidade de realmente ficar só.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> DIAS, E. O., A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, p. 94.

<sup>4</sup> DIAS, E. O., A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, p. 95.

<sup>5</sup> WINNICOTT, D. W., O ambiente e os processos de maturação, p. 31.



A capacidade de ficar só é o fruto do cumprimento das tarefas dos diferentes estádios no processo de amadurecimento do indivíduo, em colaboração constante do ambiente facilitador. Segundo Winnicott, para desenvolver a arte de ficar só o indivíduo deve experimentar o passo do estado excitado para o estado tranquilo. Na realidade de um bebê, um ambiente não facilitador ocasiona um estado permanente de excitação, provocando uma reação ante uma ameaça; sendo assim, a abertura para a experiência de tranquilidade é interrompida pelo estresse ou ameaça constante. A criança, ao viver o silêncio, fruto de um ambiente tranquilo, seguro e constante, pouco a pouco vai desenvolvendo a capacidade de ficar só, sempre como resultado de um ambiente facilitador que potencializa a tendência inata ao amadurecimento. Mas, é prudente mencionar que o silêncio é interpretado neste artigo segundo o pensamento winnicottiano, dado que, pode ser entendido de maneira diversa; para Sigmund Freud o silêncio na clínica pode ser visto como um mecanismo de resistência.

O silêncio é uma experiência que – na maioria das vezes – é evitado; o indivíduo que exercita a prática dele desenvolve a capacidade de estar só e manifesta nos relacionamentos interpessoais a habilidade da escuta. A “escutatória” – técnicas de escuta – no contexto contemporâneo é uma realidade pouco desenvolvida; na maioria dos casos as pessoas buscam potencializar a oratória. À vista disso, pode-se perceber que tudo está interligado: a capacidade de estar só com o estado tranquilo, a prática do silêncio e tranquilidade com a arte da escuta e a abertura ao outro. Quem desenvolve adequadamente a experiência do silêncio e com ela a arte da “escutatória” sabe conversar e dá oportunidade no diálogo ao outro de ser quem é, reconhecendo a sua existência no “não-eu” e evitando o vício da sociedade contemporânea de escapar do silêncio.

A realidade da vida sacerdotal na figura do ministro ordenado diocesano ou religioso deve ser olhada com atenção, considerando que a capacidade de ficar só requer um ambiente que potencialize o desenvolvimento do indivíduo. As tarefas cotidianas da paróquia ou – no caso dos religiosos – da missão podem sufocar a espiritualidade do padre. A realidade dos diocesanos – na teoria – deveria potencializar a arte de ficar só pelo fato dele morar sozinho – na maioria dos casos – na paróquia. Mas, ficar realmente só, dando espaço para o silêncio confrontar a existência, não implica necessariamente a ausência de pessoas; o ministro ordenado pode até morar e trabalhar sozinho, mas, o seu mundo interno estar invadido de ruído externo. Por sua vez, os padres religiosos, ao morar em comunidade, sem a prática do silêncio e a arte de ficar só, podem desenvolver atitudes invasivas, intrusivas, intolerantes ao “outro” e



autorreferenciais na vida comunitária ao não saber lidar com o espaço do silêncio. Sendo assim, torna-se necessário lembrar que é no silêncio e no estado de tranquilidade que a comunidade se manifesta; nesse momento é onde o confrade fala, expressa o seu ser, as suas ideias, o seu sentir, a experiência missionária, as suas alegrias e tristezas. Como saber se um padre religioso é incapaz do silêncio e do ficar só? A “escutatória” o revela, não sabe escutar a comunidade religiosa nem a comunidade paroquial, como a mãe invasiva e intrusiva que age segundo a sua necessidade – sem ver a realidade do bebê, o padre coloca-se como autorreferência até na maneira de servir à comunidade religiosa e paroquial.

Embora o ministro ordenado religioso ou diocesano deseje experimentar o silêncio e a arte de ficar só para desenvolver o seu processo de amadurecimento pessoal e intensificar a sua vida espiritual, na maioria dos casos eles não são preparados para isso. É nesse momento que se olha o processo de formação à vida consagrada e sacerdotal. Comumente observa-se nos seminários a realização de encontros formativos, de cursos preparatórios com o título de formação integral, momentos nos quais se transmitem palavras e conteúdo para o crescimento pessoal, comunitário, pastoral e espiritual; mas, é pouco comum encontrar no processo formativo momentos que fomentem a “escutatória”. Pode-se até falar nos seminários sobre a importância da escuta, mas sem o processo de “escutatória” o próprio fato de mencionar a importância de escutar se transforma em oratória. Sendo assim, de alguma maneira, potencializa-se a oratória para o conhecimento de conteúdos, descuidando a “escutatória”.

Como consequência da capacidade desenvolvida no amadurecimento pessoal, na integração do “eu” e no reconhecimento do “não-eu”, o indivíduo na sua maturidade expressa por meio da conversa o tempo de processamento das palavras. Ele dá espaço no diálogo para o silêncio atuar como ato de caridade ao serviço do outro, aquele que se manifesta expondo-se na conversa. Entre uma palavra e o seu discernimento existe um tempo de percepção da mensagem; ela é encontrada no silêncio e processada no tempo.

Na sociedade atual pode pensar-se que dialogar é deixar o outro falar e no momento de terminar o argumento inserir palavras como respostas, “um diz ou conta alguma coisa, o ouvinte faz uma observação, uma pergunta, emite um som que exprime interesse ou, por sua vez, conta uma história. Em sociedade evita-se o silêncio. Se alguém não tem nada a dizer, o outro fala”.<sup>6</sup> A melhor resposta que se pode oferecer a um indivíduo que não sabe encontrar palavras

---

<sup>6</sup> NASIO, J.-D., O silêncio na psicanálise, p. 19.



para manifestar o seu “ser” é um espaço de silêncio, onde as palavras não expressam conteúdo; a ausência de palavras é a melhor resposta e acolhida.

O silêncio expressado no estado tranquilo pode ajudar a constituir o “eu” e potencializar o reconhecimento do “outro”, mas, no desenvolvimento do processo de amadurecimento pessoal, ele deverá enfrentar um período de trabalho constante em harmonia com a tendência inata ao amadurecimento, e com o ambiente facilitador. O silêncio na vida do indivíduo auxilia ao autoconhecimento ao implicar mergulhar no seu mundo interno; essa ausência de ruído externo será o caminho para encontrar a zona de silêncio, espaço que só os seres humanos com maturidade pessoal e emocional conseguem experimentar. Esse acesso potencializa na pessoa a constante integração do “eu”; para que o silêncio seja real e verdadeiro, o indivíduo deverá aprender a silenciar o ruído externo, vivenciando a zona de silêncio.

O livro *O Silêncio na psicanálise*, de J.-D. Nasio, menciona um dado que pode orientar a necessidade de saber experimentar a vivência do silêncio. O texto relata que, “no Pacífico, perto da ilha de Vancouver, encontra-se um lugar curioso, chamado Zona de Silêncio. Foram muitos os navios que se esmagaram contra os rochedos nesse lugar e repousam no fundo do mar. Nenhuma sirene é possante o suficiente para avisar os capitães”,<sup>7</sup> ao não existir nenhum ruído externo, as embarcações devem navegar dentro do silêncio; aqueles experientes na ausência do ruído conseguem sair dessa zona sem esmagar o navio contra os rochedos desse lugar. Em palavras mais diretas, quem não compreende como lidar com a ausência de ruído externo se afunda no mar da existência.

A falta de preparação da vivência do silêncio e da experiência de ficar só podem produzir no presbítero um impulso ao “fazer” antes do “ser”. Pensa-se que, quanto mais trabalho, mais vida espiritual. Sendo assim, busca-se dedicar o tempo no serviço ao outro de maneira impulsiva, provocando mais a permanência do estado excitado que o estado tranquilo (lembrando que é no estado de tranquilidade que o amadurecimento acontece, as crises se superam e o equilíbrio pessoal e emocional se encontram). Embora o silêncio não seja o único elemento que promova a conquista de um estatuto unitário no pensamento winnicotiano, ao existirem outros como: segurança, previsibilidade etc., é o conceito que mais deseja-se ressaltar devido ao ritmo social acelerado da realidade do padre diocesano e religioso.

Os ministros ordenados com o perfil impulsivo orientado mais no “fazer” que no “ser” pensam que “a qualidade da entrega ao transcendente é medida em

---

<sup>7</sup> NASIO, J.-D., *O silêncio na psicanálise*, p. 20-21.



horas trabalhadas, em quantidade de missas rezadas e na duração em minutos ou horas de cada missa, em anos sem férias, em ininterrupto sacrifício em prol do outro”.<sup>8</sup> Esse ritmo acelerado de serviço para a comunidade paroquial, sem o espaço para o mergulho do silêncio e da arte de ficar só na contemplação do “eu” e do Transcendente é uma bomba de tempo que ocasionará na vida presbiteral diocesana ou religiosa consequências na saúde física e psíquica. Uma delas pode ser a Síndrome de Burnout, que envolve “tensão emocional em pessoas em razão de condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes, especialmente em profissões nas quais o intercâmbio pessoal é mais profundo. O quadro de esgotamento emocional pode progredir para um estado depressivo”.<sup>9</sup>

A capacidade de ficar só, segundo o pensamento winnicottiano, não se limita à realidade da criança tendo em vista que, essa experiência se vive durante todo o processo da vida, sempre como consequência da vivência do silêncio e da tranquilidade na passagem do estado excitado ao estado tranquilo. A sociedade atual não facilita essa realidade de quietude devido ao ritmo acelerado das atividades; busca-se no contexto contemporâneo a maneira de “aproveitar” mais o tempo que buscar espaços para experimentar o estado tranquilo. Torna-se propício ressaltar que o estado tranquilo – junto com outros elementos como a segurança, previsibilidade etc. – são aqueles potencializadores do processo de amadurecimento ao levar o indivíduo à construção do “eu” e à futura escuta interior, também esse estado tranquilo estimula na idade adulta um tempo de discernimento oportuno para a tomada de decisões.

A sociedade no seu ritmo acelerado pode cada vez mais fomentar indivíduos alienados de si mesmo, com medo do silêncio e da experiência de ficar só, sem o desenvolvimento pessoal nem a capacidade de vida social. O estado tranquilo fomenta o processo de amadurecimento pessoal para a construção do “eu” integrado e permite o reconhecimento do “não-eu” que se pode chamar de “outro”; essa elaboração, segundo Winnicott, é resultado de um processo, dado que, no início, só é possível ficar só na presença do outro, até que o amadurecimento proporcione um estar consigo mesmo, pois tem recursos dentro de si que possibilitam esse estar só: “a capacidade de ficar só se baseia na experiência de estar só na presença de alguém, e que sem uma

---

<sup>8</sup> PINTO, Ê. B., Os padres em psicoterapia, p. 151.

<sup>9</sup> CAMPOS, L., A dor invisível dos presbíteros, p. 27.



suficiência dessa experiência a capacidade de ficar só não pode se desenvolver”.<sup>10</sup>

O ficar só implica, em primeiro lugar, o reconhecimento da identidade pessoal – eu estou só – essa identificação se realiza processualmente durante toda a vida. Na realidade de um bebê o “eu” vai forjando-se a partir da mãe; no mundo subjetivo da criança não existe – num primeiro momento – um “não-eu”; a criança e a mãe são uma só pessoa. Na sua realidade psíquica ela cria a mãe, o seio e o mundo externo, tudo o que necessita para viver, por meio da criatividade originária. Sendo assim, considerar a palavra “eu” implicará, na vida da criança, a construção de uma unidade pessoal, fruto de um amadurecimento emocional. Esse “eu sou” necessitará da colaboração – além da tendência inata ao amadurecimento – da constante presença de um ambiente facilitador.

### 3. O ambiente facilitador

A tendência do indivíduo para o amadurecimento e a integração do “eu” e do “não-eu” não é um evento determinado que necessariamente acontecerá na realidade, ela pode ou não surgir na vida do indivíduo, essa tendência ao amadurecimento dependerá da permanência do ambiente facilitador. Na realidade de uma criança, tanto no período da dependência absoluta ou da dependência relativa, o ambiente facilitador desempenha um fator essencial no amadurecimento; tendo em vista que a presença constante dessa realidade fomenta o amadurecimento e a integração do indivíduo como unidade para ser um sujeito real, sempre dentro do contexto de cuidados que se pode classificar como suficientemente bons, resultado de um ambiente facilitador que possibilita a realização das tarefas e conquistas nos diferentes períodos de dependências e estádios, tudo com a finalidade da realização e integração.

O que está, portanto, em pauta no desenvolvimento pessoal, não são funções isoladas, sejam elas biológicas, mentais ou sexuais, mas o próprio viver humano, naquilo que este tem de estritamente pessoal: o sentimento de ser, de ser real, de existir num mundo real como um si-mesmo. Nada disto é dado pela concepção e pelo nascimento biológicos. Mesmo quando as estruturas biológicas e cerebrais estão intactas, o ter nascido, simplesmente, não garante que sejam alcançados o sentimento

---

<sup>10</sup> WINNICOTT, D. W., O ambiente e os processos de maturação, p. 35.



de estar vivo, de sentir-se real e de poder fazer experiências sentidas como reais.<sup>11</sup>

A constância da permanência do ambiente facilitador proporciona a experiência de “ser” do indivíduo; as suas bases fundamentais desenvolvem-se desde criança com a ajuda do entorno. Segundo o comentário de Dias sobre o pensamento winnicottiano, o desenvolvimento pessoal está vinculado ao próprio viver humano, com um verdadeiro *self* constituído e integrado. O nascimento e o crescimento biológicos não garantem a existência de uma pessoa, considerando que o indivíduo vai se construindo ao longo da vida, no contato com o “eu” e com o “outro”, nas relações pessoais e interpessoais.

Todas as experiências do indivíduo no processo do amadurecimento pessoal devem ser integradas no “eu”, levando em conta que o amadurecimento está condicionado à capacidade de harmonizar todo o “eu” do indivíduo na construção da pessoa. Por esse motivo, um ser humano realizado, amadurecido e integrado é aquele que conhece e se harmoniza constantemente com a sua história, vida, condição pessoal, social e familiar. Não caberia a ideia de negação de história de vida como uma atividade no processo de amadurecimento do indivíduo; ao contrário, isso indicaria a ausência da constituição de um “eu”: a pessoa ainda não se conhece e não se integrou.

Dentro das realidades dos seminários, no processo de formação para a vida sacerdotal e religiosa podem existir candidatos que não acham integrada no desenvolvimento do amadurecimento pessoal a constituição do “eu”, e como consequência dessa realidade, o “não-eu” também não foi adequadamente elaborado. Geralmente esses casos se revelam nos relacionamentos familiares: seminaristas ou estudantes da vida religiosa que não aceitam a sua história de vida pessoal nem familiar, futuros consagrados à missão do Reino que não vão de férias às suas casas para não confrontar a sua realidade e fugir do conflito familiar. Esse mesmo perfil não se expressa só na rejeição familiar, senão também, nos conflitos internos, na convivência com os outros durante o processo formativo.

Deve-se entender que a constituição do “eu” – fruto da tendência inata ao amadurecimento pessoal e da presença constante do ambiente facilitador – ocasionará no indivíduo a existência do “não-eu”, sendo assim, esse “outro” é percebido pelo “eu” como um ser humano diferente. Esse amadurecimento no processo da construção de “pessoa” provocará no “eu” a aceitação da realidade

---

<sup>11</sup> DIAS, E. O., A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, p. 97.



do “não-eu” com sua condição boa e não boa. A pessoa realmente amadurecida olha o “não-eu” e aceita-o, unificando o bom e ruim do “outro” na mesma pessoa, assim, o indivíduo é integrado como unidade. Um exemplo dessa integração é um filho que aceita o bom e ruim do pai, integrando-o numa mesma pessoa; isso abre horizonte para expressar que, o mesmo pai que é amado pelo filho é o mesmo que ele rejeita quando faz algo ruim porque não são duas pessoas diferentes, senão, uma só. Por isso, não se pode pensar amar realmente uma pessoa só no aspecto bom e não a amar nos aspectos ruins.

Cabe perguntar, neste momento, em que consiste o ambiente facilitador? Classificar um ambiente como facilitador dependerá dos cuidados suficientemente bons manifestados pela mãe objetal. Na realidade de uma criança no estado de dependência absoluta ou relativa, a mãe objetal possui duplo sentido: a figura da mãe como sujeito e a realidade externa da criança. Torna-se propício destacar que cuidados suficientemente bons ou uma mãe suficientemente boa não indicam perfeição, senão, uma condição necessária e equilibrada para a realização das tarefas e conquistas da criança nos diferentes estádios do processo de amadurecimento pessoal.

O que o bebê precisa, e necessita de modo absoluto, não é algum tipo de perfeição de maternagem, mas uma adaptação suficientemente boa, aquela que faz parte de uma relação viva em que a mãe temporariamente se identifica com o seu bebê. A fim de poder identificar-se com seu bebê no grau necessário, a mãe precisa ser protegida da realidade externa, de maneira a que possa desfrutar de um período de preocupação, com o bebê sendo o objeto dessa preocupação. A fim de poder perder este alto grau de identificação à medida que o bebê passa da dependência para a independência.<sup>12</sup>

A mãe suficientemente boa no período de dependência absoluta se identifica com a criança, possibilitando a criatividade originária e o sentimento de onipotência. Ela deixa a criança experimentar – no seu mundo subjetivo – que foi ela quem criou, segundo a sua necessidade, o seio, a mãe, o leite e o mundo. Essa criatividade originária que, segundo Winnicott, é inata pode ser realizada pelo sentido de onipotência, sempre como consequência do encontro do bebê com a mãe: “quando a mãe responde de maneira adaptativa ao gesto

---

<sup>12</sup> WINNICOTT, C. Explorações Psicanalíticas, p. 37.



espontâneo, o bebê sente como se o mamilo e o leite fossem os resultados do seu próprio gesto: ele faz a experiência de criar aquilo que encontra”.<sup>13</sup>

Essa experiência ocasionada pela vivência da criatividade originária e da sensação subjetiva de onipotência no processo de crescimento facilitará o desenvolvimento do amadurecimento pessoal rumo à integração do “eu”. Mas, é preciso mencionar que, para que a experiência seja real a mãe suficientemente boa deverá identificar-se com a criança para responder no momento oportuno a sua necessidade; se ela oferece o seio segundo a sua possibilidade e não a realidade da criança, a experiência não será favorável, senão, intrusiva. Sendo assim, o sentido de onipotência e criatividade originária não serão experimentados pelo bebê. Se a mãe oferece o seio quando a criança não precisa, esse fato pode promover no futuro problemas na alimentação porque fomentará comer ante qualquer necessidade.

Essa experiência intrusiva, fruto da falta de relação e aproximação da mãe com o bebê não se limita a essa etapa. Na realidade das pessoas adultas, pode-se perceber que – em muitos casos – não se conhece as necessidades das pessoas. Os indivíduos autorreferenciais, que colocam as necessidades segundo eles mesmos, sem olhar as dificuldades dos outros, em vez de ajudar podem atrapalhar e acrescentar futuros problemas mais sérios. Um pai ou uma mãe de família que percebe o filho ou a filha enfrentar um problema – sem aproximar-se adequadamente nem conhecer qual é a necessidade real – pode, na tentativa de motivar o indivíduo ou solucionar a necessidade, dar uma resposta errônea. Alguns exemplos comuns são: dar um telefone celular em vez de acompanhar o filho, ou, comprar objetos de valor em vez de escutar o conflito interno próprio da adolescência.

A figura da mãe suficientemente boa pode ser trasladada em outras realidades; sendo assim, é válido dizer: um padre superior suficientemente bom. Quem seria um superior ou bispo suficientemente bom? Aquele que conhece os seus ministros ordenados, acompanha-os no processo de amadurecimento e na missão – desde o período formativo até o fim da sua missão terrena. Um superior suficientemente bom – na realidade dos padres religiosos e diocesanos – sabe qual é a necessidade deles, conhece por meio do relacionamento e proximidade como agir nos momentos de conflitos dos padres. Comumente pode-se observar que a falta de relação e proximidade do superior com os padres pode ocasionar catástrofe na vida fraterna da comunidade ou na diocese; um exemplo comum: um padre que, ao encontrar-se em crise, é colocado pelo superior ou bispo como

---

<sup>13</sup> DIAS, E. O., A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott, p. 170.



responsável de uma comunidade – pároco; esse agir pode aprofundar mais a crise do padre, por ao não ser a resposta correta a sua necessidade.

Outro dado importante na figura do superior ou bispo suficientemente bom é a capacidade de proporcionar aos padres diocesanos ou religiosos os mecanismos necessários para seu respetivo constante desenvolvimento. Essa missão de prover um permanente ambiente facilitador não conota em nenhum momento a ideia de um superior religioso ou bispo diocesano perfeito. Na atualidade, pode-se perceber a falta de amadurecimento pessoal e ausência de integração do “eu” de muitos ministros ordenados ao buscarem superiores perfeitos, sem a capacidade de tolerar o erro da hierarquia; à primeira decisão incorreta do superior ou do bispo, condena-o e fecha-se, rejeitando a sua autoridade. Outra manifestação da imaturidade dos padres – principalmente aqueles religiosos – é a busca de uma comunidade perfeita; essa mentalidade fomenta intolerância à limitação dos confrades: ninguém pode errar na comunidade, e, se alguém comete alguma falha, rejeita-o com a exclusão, difamação e condenação.

## Conclusão

O processo de amadurecimento pessoal, a construção do “eu” e o reconhecimento do “não-eu” na vida do indivíduo são aspectos que devem ser considerados no contexto contemporâneo, principalmente, para a construção da paz social. A sociedade atual fomenta indivíduos fragmentados e alienados de si mesmos e da sociedade com sua história e cultura. Cada vez mais as pessoas não se desenvolvem integralmente; isso provoca na sociedade intolerância, agressão e ódio, principalmente, contra a figura do “outro”. Se o “eu” no indivíduo não é adequadamente integrado, o reconhecimento do “não-eu” não se desenvolverá. Sendo assim, retomar a importância do pensamento winnicottiano na atualidade torna-se fundamental, particularmente, nas realidades dos ministros ordenados – padres religiosos e diocesanos, dado que eles deverão anunciar o Reino da paz num contexto de conflito.

A constituição do “eu” e a integração do indivíduo no processo de amadurecimento pessoal pode ajudar a compreender a missão da Igreja no pontificado do Papa Francisco. O Sumo Pontífice, em diferentes momentos, tem ressaltado a importância da dimensão existencial da missão. Os discípulos missionários têm dificuldade de integrar a missão no “eu”; considera-se mais a ideia de “fazer” missão que “ser” missão. É nessa linha de pensamento que, a ideia de Winnicott pode inspirar a missão da Igreja na integração do “eu” como



missão na vida do discípulo, a partir da proposta de Igreja em saída do Papa Francisco. Um verdadeiro seguidor do Mestre que integrou o seu “eu-missão” no processo do seu discipulado, considera a missão como uma realidade que não pode excluir do “eu”; esse discípulo maduro como pessoa e íntegro como cristão afirma, conjugando na primeira pessoa, “eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo”.<sup>14</sup>

### Referências bibliográficas

- CAMPOS, L. **A dor invisível dos presbíteros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.
- NASIO, J.-D. **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- PINTO, Ê. B. **Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Winnicott, Donald Woods (1896-1971). In: ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 783-786.
- GONZÁLEZ, S., A figura do poliedro em tempos de crise. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TEOLOGIA PASTORAL, v. 6, n. 2., 2021, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: FAJE, 2021. p. 584-592.
- WINNICOTT, C. **Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

---

<sup>14</sup> EG 273.



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2021v1n2p172

***Jairo de Jesus Menezes***

Doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela  
Universidade Católica do Salvador

Docente em Filosofia e Teologia na Universidade Católica do Salvador  
Salvador / BA – Brasil

E-mail: jjmenezes4163@gmail.com

***Sergio Esteban González Martínez***

Graduado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Salvador / BA – Brasil

E-mail: sergioestebangonza@gmail.com

Recebido em: 29/09/2021

Aprovado em: 16/12/2021